# O DIÁRIO DE LEITURA PARA UMA LITERATURA SENSÍVEL: *O ABRAÇO*, DE LYGIA BOJUNGA EM SALA DE AULA

Hellen Jacqueline F. S. D. Aguiar
PPGL/UFPB
hellenjfs10@gmail.com

Francinilda de Brito Santos
PPGL/UFPB
francinildabritto@gmail.com

Daniela Maria Segabinazi
PPGL/UFPB
dani.segabinazi@gmail.com

## Introdução

> "[...] a literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros -, ela arruína a consciência limpa e a má-fé" (COMPAGNON, 2009, p.50).

A escolha por iniciar com a citação de Compagnon se deve ao fato de considerarmos a literatura como fonte de leitura de mundo, esclarecimento e recriação diante da complexidade de alguns textos, afinal, conflitos e tensões que inquietam na literatura permitem o diálogo essencial na construção do sujeito. Para Cândido (2017, p. 180), "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante". Assim, "[...] não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação" (CANDIDO, 1995, p.242).

A partir de todas essas razões sobre a literatura e no que concerne a produção literária destinada ao público jovem, os temas que apresentam efervescência nas temáticas consideradas inadequadas para esse público vem ganhando força e nitidamente um fluxo contínuo de publicações nas últimas décadas. Elas aparecem não só em textos considerados veristas, contudo aparecem também naqueles que superam o verismo e mergulham na ludicidade da imaginação.

Ao submeter, portanto, temas ditos polêmicos na formação literária dos jovens, concedemos a oportunidade da reflexão sobre assuntos densos que rodeiam nossa sociedade, colocando em evidência os indivíduos para que eles próprios construam uma autonomia crítica e potencializando as perspectivas sobre a leitura "[...] que suscite a pluralidade de ideias e interpretações e que possibilite aos leitores o exercício crítico da realidade, desenvolvendo, assim, a capacidade de escolha e a liberdade." (SOUZA, 2019, p. 443). Portanto,

> [...] Trazer obras literárias que tematizam os conflitos e dramas humanos pode possibilitar aos leitores – mesmo que crianças – pensarem sobre suas próprias vidas e experiências e ressignificá-las. (SOUZA; RODRIGUES, 2020, p, 197).

É pertinente citar que no contexto escolar, os temas polêmicos na literatura juvenil podem ser uma oportunidade de os alunos relatarem suas experiências e

poderem assim ressignificar seus próprios problemas/conflitos internos. Por isso, a literatura e a escola têm um papel importante na discussão desses temas que levam os leitores a uma troca direta com o texto para que, assim, tenham autonomia na interpretação e que alimentem a imaginação das crianças/jovens. Sendo assim:

> É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p.106).

. De acordo com Machado,

> É superficial entender o diário como apenas um receptáculo para seus pensamentos particulares, secretos - como uma confidente surda, muda e analfabeta. No Diário não apenas eu me expresso mais abertamente do que poderia com qualquer pessoa, eu me criou. O diário é um veículo para o meu sentido de individualidade. Ele me representa como emocional e espiritualmente independente. Portanto (infelizmente) ele não apenas registra minha vida diária real, como - em muitos casos - oferece uma alternativa ela. (2007, p. 21)

A partir desses apontamentos supracitados, reforçamos que o diário de leitura é uma possibilidade, não única, suficiente ou isolada, mas que é passível de mudanças, análises e ajustes. "Os diários, como práticas de escrita de cunho social, são atravessados pelas tensões do mundo em que se inserem e tornam se imprescindíveis para um maior entendimento da construção de subjetividades" (CUNHA, 2007; p.06). Contudo, é de inteira relevância informar que o mais importante é que o texto literário faça sentido consciente para o leitor, ou seja, que o leitor possa compreendê-lo a partir do momento em que, através da leitura, ele consiga fluir e expressar esse processamento da leitura para outros conhecimentos, aprendizados e reflexões. Os diários são atos solitários, que não deixam de ser íntimos, desta forma, podemos dizer que é uma escrita de si, que de alguma forma se funde com a leitura de mundo, com o comum, o cotidiano e rotineiro de todos.

## 1. Fundamentação teórica: *O abraço*, de Lygia Bojunga

O trabalho voltado à literatura juvenil precisa de sensibilidade e práticas que não só envolvam o jovem, mas, acima de tudo, o aproxime da leitura literária. Faz-se necessário pensar em práticas que sobrelevem a via literária como caminho importante e necessário ao reconhecimento das necessidades sociais atuais. Nesse sentido, apresentamos o texto *O abraço*, de Lygia Bojunga, uma vez que se trata de um texto extremamente relevante e delicado. Sua delicadeza está presente não apenas na narrativa, mas na forma como a autora apresenta a temática central: o abuso sexual praticado contra crianças/jovens.

Para Vicente Jouve (2012), no que diz respeito ao texto em si, existe um certo sentido em todos os seus estados, ou seja, o sentido pretendido, o sentido percebido e o sentido manifesto, isso quer dizer que uma narrativa tem seu caráter polifônico, uma vez que ela apresente o interesse do autor ou sua intenção relacionadas ao texto, em segundo plano, "o sentido como resultado da seleção mais ou menos consciente – operada por uma leitura (p. 61) e o sentido que, diferente do intencional, é o que de fato lá está (ou não). Nas palavras de Jouve: "A "intenção do texto" não se confunde, então, com a intenção do autor real, mas com a intenção do Autor modelo, que é exatamente uma reconstrução do leitor a partir dos dados textuais (p. 70). Ou seja, a narrativa apresenta vários olhares e "vozes", cabendo ao professor de literatura trabalhar com todas essas possibilidades. Por isso, trouxemos como sugestão de trabalho o diário de leitura, acreditando ser ele um mecanismo bastante útil para o trabalho com temáticas sensíveis e polifônicas.

Antes de iniciarmos a fala sobre o diário de leitura, precisamos apresentar o texto. Comecemos pelo título da obra: *O abraço*. Muitas vezes, abraços remetem a bons momentos, boas pessoas, bons sentimentos. Por isso, questionamos: o que o título sugere quando apresenta esse título junto com uma imagem escura de uma mulher? Envolta por mãos pretas? É uma imagem difícil de descrever e, por vezes, desconcertante.

Esse é um livro relativamente curto, com leitura fluida e que já começa com uma tarja preta atravessando toda página, após capa e ficha catalográfica. Narrado por vezes em primeira pessoa e por vezes em terceira, aproxima o leitor e, provavelmente, o desconcerta já na primeira página:

> Eu preciso te contar. Não dá mais pra ficar trancando essa coisa toda dentro de mim. Por mais que eu tenha resolvido não falar disso com ninguém, não dá mais pra ficar quieta depois do que aconteceu ontem à noite. Deixa eu ver por onde começo. Bom, acho melhor te contar de uma vez que quando eu tinha oito anos eu fui estu… não, pera aí, não: vamos deixar isso pra depois: eu ainda estou tão impressionada com o que aconteceu ontem à noite que é melhor te contar primeiro da festa (BOJUNGA, 2017, p. 9-10).

Quando o leitor se depara com o excerto acima, assume para si a possibilidade de que a temática do estupro infantil seja levada em consideração ao longo da narrativa, vejamos pistas para isso: fala entrecortada, o ato de "trancar uma coisa", algo que "aconteceu ontem à noite", a narradora não sabe por onde começa e, de repente, apresenta a seguinte pista: "Bom, acho melhor te contar de uma vez que quando eu tinha oito anos eu fui estu… não, pera aí, não: vamos deixar isso pra depois". Por mais que ela se sinta ou ache que esteja preparada para falar, ela percebe que não está. É doloroso ao ponto de ela precisar deixar para outro momento esse desabafo.

É claro que esse fato ser narrado assim logo no início já impacta o leitor. Muito mais será dito, mas chamamos atenção não para os trechos em que se narra o ato de estupro e de um possível assassinato, apesar de muito importantes e doloridos. Como muitas pesquisas já trataram desta obra, vamos buscar trazer aqui outro olhar, como para trechos que aparecem depois do fim, na parte: Pra você que me lê.

Nessa parte, Bojunga se coloca não como escritora, saindo um pouco do ficcional e faz revelações de memórias de sua infância ou, talvez, "jogue" com o leitor,

fazendo-o acreditar nisso. Ao fazer isso, conta também que escolheu essa obra juntamente com outra, intitulada *Nós três*, e chama-as de seu par sombrio. Ela os denomina assim pela temática abordada nas duas obras e explica que sempre teve uma boa relação com a morte, como se ela fosse mais uma personagem de suas narrativas e de sua vida, afinal, ela rememora momentos em que lidou com a morte como se fosse uma amiga. Mas, apesar dos relatos fortes, o que nos chama a atenção é o seguinte trecho:

> Não vou te falar aqui do "crime que não tem perdão". Acho que a narrativa d´O Abraço, é tão explícita e veemente que qualquer outra consideração sobre esse tipo de crime transbordaria o copo…

E, a partir disso, nós lançamos outro questionamento: Será mesmo? Será que narrativas como essa precisam permanecer no silenciamento? O que faz a autora falar com proximidade da morte e não ter coragem sequer de chamar a violência sexual por seu nome? O interessante de um trecho como esse é lançar um olhar a partir dele para a sociedade, isso porque a morte ainda é um *tabu* e também recebe vários pseudônimos, alcança e sempre alcançou um *status* e uma distância segura de cada um que nessa sociedade convive, especialmente quando falamos da sociedade ocidental. Mas, quando aproximada/comparada ao ato vil de abusar de uma criança ou jovem, ela se torna até amiga e mais "fácil" de lidar.

Por que será? Por que a sociedade prefere virar os olhos e não olhar para essa problemática? Seria medo de enfrentar? Seria para evitar uma dor talvez "maior"? Existe dor maior que a perda? Mas não seria o abuso sexual também um tipo de perda? O que socialmente classificamos como perda?

Diante desses questionamentos e da problemática apresentada na obra aqui estudada/proposta, concordamos com Colomer (2003, p. 23), quando diz que

> os livros infantis e juvenis têm sido objeto de atenção e polêmica desde seu nascimento como fenômeno cultural (…). No entanto, a existência de uma reflexão crítica de certo valor ocorre paralela ao desenvolvimento editorial produzido de entreguerras deste século e à aparição de instâncias dedicadas ao incentivo da leitura (…). Essa situação, e os avanços realizados no campo educativo durante esses anos, deram lugar a uma preocupação social crescente com leitura infantil. Apesar disso a escola permaneceu ancorada em uma leitura "formativa" de cartilhas, antologias e livros didáticos, e foi nos meios bibliotecários que se iniciou o discurso moderno sobre a leitura como um ato livre dos cidadãos, uma leitura "funcional" que incluía leitura de ficção por simples prazer.

Quando corroboramos a fala de Colomer, entendemos que obras que respondem à urgência social de que trata *O abraço*, de Bojunga precisam ser inseridas (se já não estiverem) nas escolas e salas de aula de nosso país. Tratar de temas sensíveis requer muita delicadeza, mas, sobretudo, planejamento e respeito, porque sabemos que são temas que irão, provavelmente, suscitar dor ou ao menos empatia.

*O abraço* revela muito do que é escondido na sociedade: pais que preferem não falar sobre o assunto, famílias que encobrem a violência sexual, escolas que não se "envolvem" para além de pequenas palestras realizadas em momentos pontuais, como dia da mulher ou outro parecido. Outras obras também trabalham a temática e nós

sugerimos a fim de reflexão, tais como: *Leila*, de Tino Freitas; *Manual prático do ódio*, de Ferrez; *Segredo segredíssimo*, de Odívia Barros; *Tina*, de Fefê Torquato, entre tantas outras.

**2. Proposta de Diário de leitura com a obra *O abraço*, de Lygia Bojunga**

> Cada um possui sua história de vida, seu repertório de leituras (se alfabetizado), uma trajetória cultural e social, e se insere em determinada comunidade. Sendo diferentes os sujeitos, configuram, também, subjetividades múltiplas, diversidade esta que não impede esses indivíduos de compartilhar muitos dos sentidos construídos durante suas leituras – "comunidades interpretativas", "comunidades textuais", ou simplesmente "comunidades de leitores" são algumas denominações correntes hoje para agrupamentos com referências culturais compartilhadas, não obstante os qualificativos tenham suas peculiaridades no interior das teorias das quais emergem (REZENDE, 2013, p. 07),

Partindo, pois, dessa afirmação acima, entendemos que cada leitor interpreta ou entende uma obra a partir do seu contexto e do seu nicho de realidade. Nesse sentido, uma obra vai requerer do leitor todo seu "arsenal" de conhecimentos e possibilidades que ele pode resgatar no ato da leitura, vem daí essa subjetividade leitora, essa peculiaridade que cada leitor possui dentro de sua trajetória de vida.

A autora ainda menciona a "flutuação" das impressões únicas das crianças e jovens como sendo um ato que, muitas vezes, se torna incompatível com o ambiente escolar, por esse ambiente ser um ambiente que cerceia essa liberdade, vendo, inclusive como algo negativo e prejudicial no ensino de literatura.

Isso quer dizer que, apesar de a "interação" entre o texto e o leitor ser a abordagem mais utilizada de forma oficial nas salas de aula brasileiras, Rezende (2013, p. 10) fala que "as práticas parecem ignorar, desconhecer ou menosprezar a articulação desses termos". Entendemos, portanto, que a leitura acolhida é aquela que esteja dentro do aceitável pelo professor, aquela que o professor pode "controlar". O que é um contrassenso, já que todo leitor deve ter a liberdade de compreender de forma singular, ainda que ele precise estar ancorado no texto. Para a autora:

> Construir autonomia e visão crítica, tendo a leitura como a maior aliada, supõe que o professor tenha ele próprio vivenciado esse tipo de formação e que o currículo escolar reserve tempo e espaço para isso, uma vez que reflexão, elaboração, escrita e leitura, em especial literária, demandam tempo, num ritmo que não é aquele dos conteúdos objetivos com respostas exatas ou mecanizadas. Ler, refletir, fruir, entender, elaborar, reelaborar, requer mais do que uma ou duas horas semanais constantes numa grade, como sói acontecer. Sem contar que a circunscrição da leitura literária como disciplina nesses horários exíguos permite aos professores de outras disciplinas (inclusive os de língua portuguesa) se eximirem da responsabilidade de lidar com esse conteúdo.

Essa afirmação nos remete à ideia que vem mais à frente de Rouxel e Langlade (2013, p. 23), quando dizem que é necessário fugir do formalismo, ou seja, a escola e o

professor precisam considerar mais o leitor, o aluno, o estudante e o próprio professor. Sendo assim "a implicação do sujeito dá sentido à prática da leitura, pois ela é, ao mesmo tempo, o signo de apropriação do texto pelo leitor e a condição necessária de um diálogo com o outro, graças à diversidade das recepções de uma mesma obra".

A partir disso, entendemos que a implicação do sujeito mostra um novo olhar para a obra e para o processo de leitura dessa obra, convidando o leitor a ser inserido nesse diálogo, reconfigurando não só as ideologias implicadas na leitura, mas a prática do ensino da literatura. Porém, ainda que essa implicação seja aqui defendida como necessária, a subjetividade também deve vir imbuída de um certo acordo para que ela se faça presente na escola, uma vez que os vários modos de expressão precisam estar ancorados no texto. Reconhecemos a pluralidade do sujeito leitor, mas existe uma linha muito tênue entre aquilo que é plural e aquilo que é completamente diverso do texto. Subjetividade não é acolher tudo, subjetividade é acolher as diferentes nuances que podem ser extraídas do texto.

Para Langlade (2013, p. 25), quando excluímos ou ignoramos a subjetividade do leitor, a sociedade/escola compreende esse fato como sendo fato bem-sucedido, uma vez que ela é vista coo algo pouco palpável e mensurável. Sendo assim, por mais que a subjetividade do leitor esteja presente de forma ativa em sua experiência de leitura literária e de vida, considerá-la parece ser absurdo e "considerado elemento parasita que falseiam, embaçam e emaranham a recepção de uma obra a um ponto de lançá-la para fora do campo da literatura".

Segundo Umberto Eco:

> Não existe em parte alguma algo como "O" texto – exceto para se referir ao "Texto" (aquele do autor, tal qual). A isso que eu chamo texto, se quisermos que essa palavra tenha algum interesse, é sempre "meu texto": uma versão da obra para meu uso, com os vazios do que não me diz nada e as saliências daquilo que me faz sonhar demoradamente, muitas vezes conforme uma ordem que pouco tem a ver com a sequência da intriga explícita. [...] Se há uma arte, no comentário, de restituir o Texto a texto (à textualidade), existe antes de tudo na leitura textanalítica uma preocupação e um prazer de apropriá-lo como meu para escutá-lo a fim de melhor me fazer percebê-lo e de fazê-lo mais bem percebido aos outros. (2001, p. 169)

Para Eco, ainda, existe uma diferença entre utilizar/ interpretar

> O leitor empírico é todo mundo, nós todos, você e eu quando lemos um texto. Pode-se ler de mil maneiras, lei alguma impõe uma maneira de se ler e, freqüentemente, utiliza-se o texto como receptáculo de suas próprias paixões, que provêm do exterior do texto ou do que o texto suscita fortuitamente nele (ECO, 1996, p.16-17)

Sendo assim, como propõe Jouve (2013, p. 53), "toda leitura tem, como se sabe, uma parte constitutiva de subjetividade (...). Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura". Por isso que nossa proposta com essa obra envolve o diário de leitura, uma vez que ele permite que o leitor expresse concepções muito individuais e particulares. Como vimos, os diários de leitura nos deixam ressaltar/enxergar a existência de uma interrelação entre a obra e a elaboração que se procede na construção

identitária de cada sujeito (ROUXEL, 2012). Desse modo, cada jovem leitor pode expressar-se e até mesmo questionar aquilo que está lendo.

Quando voltamos nosso olhar para a leitura de *O abraço*, de Lygia Bojunga, objeto de nossa discussão, pensamos nas muitas possibilidades não apenas de reflexão, mas de construção de empatia, de compreensão sobre os sinais que envolvem a violência e o abuso sexual, o olhar mais próximo e mais sensível e, sobretudo, a discussão dentro do espaço escolar, colocando nossos jovens estudantes no centro desse debate. *O abraço* vai trazer para nossos estudantes a possibilidade de pensar na dor do outro com sensibilidade, mas isso não quer dizer que o texto seja sensível, quer dizer que a forma como ele é narrado traz essa sensibilidade.

Para Rouxel (2012, p. 276), através do diário de leitura

> O jovem leitor exprime suas reações diante do texto e se interroga sobre aquilo que sente. Dessa forma, aquele aluno, impressionado pela fascinação que experimenta com a leitura de La mort est mon métier, de Merle (1952), ou, então, aquela leitora das Lettres à un jeune poète, de Rilke (1929), que reflete sobre a origem do prazer que lhe causa uma frase sem contudo conseguir defini-lo: fruição das palavras? emoção ligada à significação do enuncia - do? – provavelmente ambos, indissociavelmente misturados.

A autora defende ainda que

> A leitura cursiva introduz, na leitura escolar, um espaço de liberdade para o sujeito leitor. A confrontação de comentários de poemas, uns seguindo o procedimento analítico, outros na sequência de leituras cursivas, é esclarecedora (ROUXEL, 2005, p. 201-202): ao passo que os primeiros se interessam pelo jogo das formas e se organizam em torno de eixos de estudo hierarquizados, os segundos introduzem as reações do leitor e abandonam a estrutura canônica. O indício mais significativo desse distanciamento do investimento do sujeito reside nas escolhas das modalidades enunciativas: impessoais, no primeiro caso, como se se tratasse de produzir um comentário consensual – anônimo; no segundo, pessoal, com o emprego do "eu" (ROUXEL, 2012, p. 276).

Todas essas afirmações nos remetem ao lado intimista e autônomo desse leitor, a essa liberdade "vigiada", mas permitida. Como a própria autora caracteriza, chega a ser um jogo entre formas, eixos, reações e estruturas, sobretudo porque o canônico aqui não é a única "versão" vista e apreciada. Para Denisot (2005), a prática da leitura cursiva permite esse espaço para reflexão, ou seja, "representa uma voz indireta e criativa para exprimir um olhar pessoal sobre uma personagem, uma situação, um estilo" (*apud* ROUXEL, 2012, p. 277).

Uma obra literária, muitas vezes, é uma representação social, isso porque ela apresenta para o leitor características sociais, como é o caso do estupro relatado em *O abraço*. É, portanto, no espaço do diário de leitura que pensamos que o estudante pode se perceber como um dos sujeitos do processo de letramento literário. Seja um diário livre, como se fosse de fato um melhor amigo ou um diário guiado, ou seja, com algumas perguntas norteadoras para o desenvolvimento da atividade.

Muitas vezes, os diários podem ser acompanhados de citações, admiração, reprovação e, inclusive, reprovação. Os estudantes podem compor passagens tão longas que dão a ideia de uma antologia individual, com usem comentários, com ou sem explicações. Esse diário implica em uma atividade essencialmente única e frequentemente com "ares" de descoberta, seja de si, do outro, da obra, da leitura, da sociedade, enfim, de muitos aspectos.

Para Rouxel (2012), se o lugar privado se mostra como um lugar de expressão do leitor, pode-se dizer que as formas de se expressar variam, podem até mesmo ser indiretas e pouco claras, especialmente porque a esse leitor é permitido também o silêncio, o não dizer ou o dizer de forma não explícita. Isso porque, o usar o diário de leitura, pensamos que ele permite não apenas a expressão do leitor, mas o seu ligar de existência por meio do literário.

Ainda segundo a autora:

> Ao final dessa apresentação, pode-se medir a distância entre leitura analítica e leitura privada no que concerne ao investimento do sujeito leitor. Se uma porta é entreaberta à expressão do sujeito com a leitura cursiva e a escritura de invenção, não é assim no que tange à leitura analítica. Ainda que esta última, em princípio, vise à objetividade na descrição de determinados fenômenos textuais, ela não pode conduzir à exclusão de toda expressão singular da subjetividade do leitor. Ao contrário, nessa situação precisa, convém instituir a subjetividade do leitor, tendo consciência de seus limites, e isso só é possível se não nos esquivamos da dimensão ética e antropológica da literatura, pois é sob essa condição que a leitura se torna uma experiência humana de forte envolvimento simbólico (ROUXEL, 2012, p. 278).

E ela complementa, ao dizer que:

> A desconfiança com relação à subjetividade nos conduz muitas vezes a considerá-la e defini-la como desvio ou transgressão em relação à norma (aqui no sentido de consenso interpretativo). É pertinente essa equação? A subjetividade de um sujeito não pode unir-se àquela do arqui-leitor que constitui o grupo classe? E se ela diverge, devemos por acaso bani-la? Definitivamente, o que importa, para sair do impasse, é restabelecer o sujeito no coração da leitura e acolher na sala de aula suas reações, que irão orientar os processos interpretativos (ROUXEL, 2012, p. 278)

Com as palavras de Rouxel, retomamos algo dito no início desta seção, por Rezende, quando expressa uma possível insatisfação com essa desconfiança gerada a partir da subjetividade do sujeito leitor. Ao permitir que o leitor se torne sujeito de seu próprio processo de leitura, permite-se que esse eleitor eleja para si aquilo que o agrada ou mesmo desagrada, mas que faz sentido para si.

Em *O abraço*, de Lygia Bojunga, precisamos pensar no espaço do leitor, que pode sentir a dor revelada pela agora adolescente Cristina, mas que sofreu quando ainda era criança, em seus oito anos de idade. Cria-se um ambiente de muitos sentimentos e imaginações a partir dessa situação. Uma amiga que ela conta sobre o desaparecimento na infância delas, o reencontro com essa amiga na adolescência, as novas formas de

significar o abraço, a persistência em descobrir quem foi seu violador, o ato de deseja-lo parecendo desenvolver a Síndrome de Estocolmo, que é uma vinculação afetiva seja de terror ou trauma gerado por ele e por seu ato de violência sexual. Nessas tantas situações, podem surgir diferentes entendimentos. Será que Clarice (a amiga) existiu mesmo? Será que ela não era sua consciência? Ela reencontrou mesmo seu violador ou apenas projetou nesse novo personagem a figura de seu violador? O que aconteceu ao final? É unânime que ela foi assassinada?

Diante de todos esses questionamentos e aberturas que a obra nos permite, precisamos pensar se desejamos formar leitores de literatura capazes de sair do formalismo e reconstruir essa subjetividade leitora, uma vez que em qualquer experiência literária, é possível que aí esteja imbuída o sujeito em sua totalidade e é essa totalidade que nos demonstra que a literatura necessita daquilo que é subjetivo ao leitor, uma vez que o texto é completo quando lido e abarcado por ele (leitor).

## Considerações finais

Para além do objetivo principal deste artigo, evidenciamos o valor da obra *O abraço*, de Lygia Bojunga, que provoca e intriga o leitor de forma a fazê-lo refletir e se emocionar a partir de um tema espinhoso e desafiador como a morte e também o abuso sexual, assuntos que não se limitam apenas à sociedade, mas também a sala de aula. Nessa polaridade, a literatura juvenil evoca a identificação ou incômodo no leitor, tais assuntos/tematicas não deixam de ser inerentes à condição humana.

Acreditamos que os métodos e experiências que exploram temas mais instigantes e sensíveis estabelecem um trabalho estético apurado, e ao mesmo tempo, lúdico, no qual colocamos a literatura juvenil em destaque por ser um elo de conexão entre o dito e o não-dito. Sendo assim, entendemos que a experiência de ler Lygia Bojunga, por meio de uma estratégia de leitura pode revelar caminhos que provoquem inquietação para novos desbravamentos, conforme o aprofundamento da obra, pois pode trazer elementos interessantes para pensar e repensar as práticas de leitura.

No que diz respeito a proposta, o diário de leitura passa a ser, de maneira direta, um instrumento de versatilidade que merece seu lugar nas salas de aula, e como proposta de aprimorar e deixar ainda mais expressivas as atividades de leitura. Como resultado, os diários trazem as experiências dentro e fora de sala por meio da identificação do leitor, assim, o ato de ler tornando-se um momento único e solitário para o leitor, levando-o a espelhar sua subjetividade, e, enfim, abrindo espaço para que organize seus pensamemtos e emoções registrando suas observações durante a leitura do texto. Contudo, o diário de leitura não deve ser posto como único meio de estratégia, mas a reunião de outras práticas devem ser agregadas para que o processo de projetos leitores em sala não se limite a um só plano de leitura.

A aplicação do diário não consiste numa fórmula pronta e eficaz para se trabalhar a leitura, tampouco um método milagroso na sala de aula. Diante disso, temos o professor/mediador com a função de incorporar novos métodos as novas perpectivas de sensino de leitura literária ampliando as oportunidades no que interessa à leitura de literatura de forma a atingir um público alheio a essas transformações através de novos formatos de estratégias de leitura.

Sabendo disso, a partir dessa ideia de proposta, entendemos que uma leitura compreendida de uma obra, a partir de representações de temas contudentes como *O*

*abraço,* que tratamos durante o texto sob a ótica do diário, podemos conceber, portanto, que tende a levar o jovem a desenvolver além da competência leitora, desenvolver a criatividade e no próprio ato de refletir, de provocar a criticiadade e organização de ideias, base para construção da sua própria identidade, provocando no leitor uma maior interação em sala.

Por fim, tal atividade e aventura lúdica, por meio do diário de leitura, representa um momento eficaz no auxílio das aulas tornando-se aliada na trajetória do jovem leitor, que, na maioria das vezes, é um narrador solitário, sem endereço para descrever suas experiências traumáticas, vivências e memórias individuais que vão muito além dos muros da escola.

**Referências**

BOJUNGA, Lygia. **O abraço**; Capa e vinhetas Rubem Grilo. - 7. ed. - 1 impr. - Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. *In*: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2017.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual; tradução Laura Sandroni. - São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
CUNHA, Maria Teresa S. **Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro**. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007.

ECO, Umberto. **Seis passeios na floresta do romance e em outros lugares**, (1996), Paris, Grasset- Fasquelle.

JOUVE, Vicent. **Por que etudar literatura?** / Vicent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. - São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. 13 imp. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, Ana Rachel. **Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

REZENDE, Neide Luzia. Apresentação ao leitor brasileiro. *In* **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

RODRIGUES, S.; SOUZA, R. Tabus e temas polêmicos – A literatura infantil e juvenil sob censura. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 38, set-dez 2020. Disponível em: Acesso em: 28 de mar. de 2023.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor**? Cadernos de pesquisa** v.42 n.145 p.272-283 jan./abr. 2012.

SOUZA, Danilo. Literatura censurada: o politicamente (in)correto na literatura para crianças e jovens. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 13, n. 3, p. 430-444, set./dez. 2019. Disponível em: Acesso em: 28 de mar. de 2023.